

SÍNTESE DE NOTÍCIAS N° 0251/2025

EMBAIXADA DA REPÚBLICA DE ANGOLA NO REINO DA ARÁBIA SAUDITA
RIADE, 15/09/20

Embaixadora saudita nos EUA visita escritório do Adido militar em Washington



A embaixadora saudita nos Estados Unidos, Princesa Reema bint Bandar, visita o escritório do Adido militar em Washington

A embaixadora saudita nos Estados Unidos, Princesa Reema bint Bandar, visitou hoje segunda-feira o escritório do Adido militar saudita em Washington.

A Princesa Reema foi informada sobre as funções, tarefas e departamentos do escritório do Adido durante a sua visita e sobre o apoio que o Adido recebe da liderança saudita para fortalecer os interesses compartilhados entre o Reino da Arábia Saudita e os Estados Unidos em defesa e cooperação militar.

Foi recebida pelo Vice-ministro saudita da Defesa para os Assuntos Executivos, Khaled Al-Biyari, que está em visita oficial a Washington, juntamente com o Adido militar saudita em Washington e Ottawa, major-general Abdullah bin Khalaf Al-Khathami. **Fonte-Arab News**.

Centro de Pesquisa do Golfo organiza em Riade mesa redonda saudita-alemã



A mesa redonda aconteceu ontem domingo em Riade no escritório do GRC.

O Centro de Pesquisa do Golfo organizou uma mesa redonda, intitulada "Relações Saudita-Alemãs", que contou com a presença do Embaixador Dr. Geza Andreas von Geyr, Secretário de Estado do Ministério das Relações Externas da República Federal da Alemanha, juntamente com sua delegação acompanhante e um grupo de especialistas interessados nas relações sauditas-alemãs. A mesa redonda aconteceu ontem domingo em Riade no escritório do GRC. **Fonte-Arab News**.

Ministério da Saúde saudita anuncia vacinação contra gripe



A vacina reduz a gravidade da infecção, diminui a necessidade de cuidados intensivos e diminui a mortalidade por gripe sazonal.

O Ministério da Saúde do Reino da Arábia Saudita disse que a gripe sazonal pode causar complicações graves, incluindo pneumonia, bronquite, infecções de ouvido, contamina ção do sangue e morte. Os sintomas da gripe sazonal incluem tremores, sudorese, febre acima de 38 graus Celsius, dores musculares, dor de cabeça, dor de garganta, tosse persistente, desidratação e coriza. O ministério disse que a vacina já está disponível mediante agendamento de consulta por meio do aplicativo Sehhaty, informou a Agência de Imprensa Saudita no domingo. De acordo com o ministério, a vacina reduz a gravidade da infecção, diminui a necessidade de cuidados intensivos e diminui a mortalidade por gripe sazonal. Os grupos mais vulneráveis incluem pessoas com doenças crônicas, pessoas em uso de medicamentos imunossupressores, adultos com mais de 50 anos, crianças de seis meses a 5 anos, mulheres grávidas, indivíduos com obesidade e profissionais de saúde. **Fonte-Arab News**.

US$ 14,2 bilhões ganhos com o turismo no Reino Saudita



O Ministério do Turismo do Reino da Arábia Saudita anunciou resultados recordes para o programa "Verão Saudita", recebendo mais de 32 milhões de turistas nacionais e internacionais, um aumento de 26% em comparação com a temporada de verão de 2024. Os gastos dos turistas também atingiram novos patamares, com os gastos totais atingindo SR53,2 bilhões (US$ 14,2 bilhões), marcando um aumento de 15% em relação ao ano anterior. A região sul de Asir teve um crescimento notável, particularmente de visitantes do Conselho de Cooperação do Golfo, com chegadas aumentando 49% em relação ao verão passado. O sucesso ressalta os esforços contínuos do Reino da Arábia Saudita para desenvolver o seu sector de turismo de acordo com a Visão Saudita 2030, que visa estabelecer o Reino como um dos principais destinos de viagens globais. Lançado em junho pelo ministro do Turismo, Ahmed Al-Khateeb, o programa de verão saudita - sob o tema "Pinte seu verão" - destacou seis destinos diversos, incluindo fugas costeiras em Jeddah e no Mar Vermelho e retiros montanhosos em Taif, Al-Baha e Asir. Com base nesse impulso, o Reino já está se preparando para a temporada de inverno saudita, prometendo mais eventos globais e experiências turísticas inovadoras para os visitantes durante todo o ano. **Fonte-Arab News.**

Presidência argelina anuncia novo governo após nomear primeiro-ministro



O presidente da Argélia, Abdelmadjid Tebboune, dá uma entrevista colectiva após uma reunião com seu homólogo esloveno em Ljubljana, em 13 de maio de 2025.

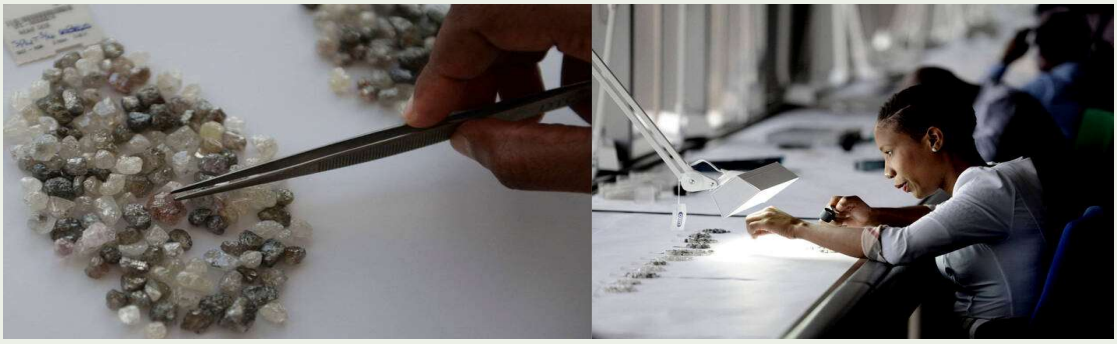
A presidência argelina anunciou ontem domingo a formação de um novo governo sob a liderança de Sifi Ghrieb, que foi nomeado primeiro-ministro no início do dia, depois de ocupar o cargo interinamente. Ghrieb foi nomeado primeiro-ministro interino pela primeira vez depois que seu antecessor, Nadir Larbaoui, foi demitido em 28 de agosto pelo presidente Abdelmadjid Tebboune sem explicação. Ontem, domingo, o gabinete de Tebboune disse que Ghrieb assumiria permanentemente o cargo, confirmando mais

tarde que ele havia formado um governo após um pedido da presidência. "O presidente da república me honrou hoje nomeando-me primeiro-ministro e confiando-me a formação de um novo governo", disse Ghrieb em um pequeno vídeo, acrescentando que foi instruído "a priorizar, servir o povo argelino e promover a economia nacional".

Ghrieb possui doutorado em ciência dos materiais e actuou anteriormente como presidente do conselho da Algerian Qatari Steel. De acordo com um comunicado da presidência, os chefes das pastas de Relações Exteriores e Justiça - Ahmed Attaf e Lotfi Boudjemaa, respectivamente - permanecerão inalterados, enquanto o próprio Tebboune continuará a chefiar o Ministério da Defesa.

O ministro dos Transportes, Said Sayoud, manterá o cargo ao mesmo tempo em que assumirá o cargo de ministro do Interior, com o ex-ministro do Interior Brahim Merad se tornando ministro de Estado encarregado dos serviços estatais e autoridades locais. A pasta de energia foi dividida entre hidrocarbonetos, liderada pelo titular Mohamed Arkab, e renováveis, a ser liderada por Mourad Adjal. O professor de cardiologia Mohamed Esseddik Ait Messaoudene assumirá o ministério da saúde. **Fonte-Reuters.**

Diamantes cultivados em laboratório roubam riquezas no sul de África



Seus pares de Botsuana e do sul de África que construíram grande parte de sua prosperidade com diamantes estão lutando por alternativas, já que pedras mais baratas cultivadas em laboratório ameaçam as suas economias.

O Botswana, dependente de diamantes, está liderando o caminho e lançou um fundo soberano esta semana para estabelecer as "bases para um futuro mais resiliente, sustentável e diversificado além dos diamantes". Também está explorando outros caminhos, como impulsionar o turismo de vida selvagem de luxo, lançar-se no mercado de cannabis medicinal e explorar seu sol abundante para energia solar.

O presidente Duma Boko chegou a cogitar a aquisição de uma participação maioritária na gigante da indústria De Beers e a venda de diamantes do Botsuana de forma independente. "Países como Angola, Namíbia e África do Sul estão todos expostos, mas não no mesmo grau que Botswana", disse à AFP o economista Brendon Verster, do think tank Oxford Economics Africa. As pedras são a principal fonte de renda do país e respondem por cerca de 30% de seu produto interno bruto (PIB) e 80% de suas exportações, de acordo com o Fundo Monetário Internacional. Mas, à medida que os consumidores se voltam para diamantes mais baratos criados na China e na Índia, o

preço médio de um diamante natural de um quilate está caindo. O preço caiu de um pico de US$ 6.819 em maio de 2022 para US$ 4.997 em dezembro de 2024, de acordo com o World Diamond Council.

Botsuana, que é 70%, deserto, foi retirado da pobreza pela descoberta de diamantes na década de 1960. Já está sentindo os efeitos da competição cultivada em laboratório. Em uma tentativa de manter o brilho vivo, Angola, Botsuana, Namíbia, África do Sul e República Democrática do Congo se comprometeram em junho a alocar um por cento de suas receitas anuais de diamantes para a comercialização de diamantes naturais. A campanha precisaria reformular seu valor como um cobiçado "produto de luxo", disse à AFP o ex-vice-governador do Banco de Botswana, Keith Jefferis. **Fonte-Reuters.**

Egipto assina novos acordos de petróleo e gás



Karim Badawi, ministro dos Petróleos e Recursos Minerais, testemunhou a assinatura dos acordos.

O Egipto assinou três acordos de petróleo e gás no valor de mais de US$ 121 milhões com empresas internacionais, impulsionando o seu sector de energia por meio de novos projectos de exploração e perfuração nas principais zonas de hidrocarbonetos. A medida faz parte da estratégia do Ministério dos Petróleos e Recursos Minerais para atrair investimentos internacionais e expandir as actividades de exploração no país do norte de África.

Karim Badawi, ministro dos Petróleos e Recursos Minerais, testemunhou a assinatura dos acordos pela General Petroleum Corp. egípcia com várias empresas internacionais líderes activas na exploração e produção de petróleo e gás. Em agosto de 2024, o Egipto anunciou um novo conjunto de incentivos para estimular a exploração e o desenvolvimento, aumentar a produção e reduzir a lacuna entre a oferta e a demanda doméstica. Mais de 60 empresas internacionais operam actualmente em 183 locais de exploração e produção no Mar Mediterrâneo, Delta do Nilo e Desertos Ocidental e Oriental, bem como o Sinai e no Alto Egito, sob a supervisão de empresas filiadas ao Ministério dos Petróleos.

"O primeiro acordo transfere a área offshore do Sinai Norte para a Perenco Egipto, com investimentos de US $ 46 milhões para perfurar três poços e um bônus de assinatura de US $ 1 milhão", disse o ministério em um comunicado, divulgado pelo gabinete egípcio.

O acordo foi assinado por Salah Abdel Karim, CEO da EGPC, e Raafat El-Beltagy em nome da Perenco, na presença de Jon Rokk, CEO da Egypt Kuwait Holding Company, empresa controladora da Perenco Egypt. O segundo acordo cobre a área de East El

Hamad, no Golfo de Suez, favorecendo a Dragon Oil, com sede no Dubai, após seu sucesso na ronda de licitações da EGPC. Os investimentos para a perfuração de três poços totalizam US$ 40,5 milhões, com um bônus de assinatura de US$ 4,5 milhões. O acordo foi assinado por Abdel Karim e Tayeb Huwair, director de operações da Dragon Oil, e contou com a presença de Abdulkarim Ahmed Al-Mazmi, CEO da empresa.

O terceiro acordo é com a Apache Corp., cobrindo a área integrada de exploração e desenvolvimento no Deserto Ocidental, adicionando cinco novos blocos de exploração. O acordo inclui US$ 35 milhões em investimentos para perfurar 14 poços, juntamente com um bônus de assinatura de US$ 25 milhões, e foi assinado por Abdel Karim e Greg McDaniel, vice-presidente sênior de activos internacionais da Apache. "Após a assinatura, Karim Badawi enfatizou que esses acordos reflectem a crescente confiança das empresas internacionais no clima de investimento em petróleo do Egipto", disse o comunicado.

O ministro acrescentou que os acordos destacam o sucesso do ministério em oferecer oportunidades de licitação atraentes e implementar políticas de incentivo que abrirão novos caminhos para a exploração, apoiando os planos do ministério de aumentar a produção e garantir as necessidades do mercado interno. Esses acordos fazem parte de um esforço mais amplo do Egipto para atrair investimentos estrangeiros em petróleo e gás, com o governo aprovando recentemente US $ 221 milhões em contratos que cobrem o Deserto Ocidental, o Golfo de Suez e a área marítima de Damietta do Norte no Mediterrâneo. Os acordos, que incluem pelo menos 24 poços e um bônus de assinatura não reembolsável de US$ 31,5 milhões, reflectem a ambição do Egipto de reforçar sua posição como um centro regional de energia. Aprovações recentes adicionais para a Lukoil e a South Valley Egyptian Petroleum no Deserto Oriental ressaltam ainda mais a estratégia do país de expandir as actividades de exploração e produção em várias zonas de hidrocarbonetos. **Fonte-Arab News**.

Hotéis dos Emirados Árabes Unidos recebem mais de 16 milhões de hóspedes



Os dados apresentados durante a reunião mostraram que o número total de noites em hotéis atingiu 56 milhões, um aumento de 7,3% em relação ao 1º semestre de 2024.

O sector de hospitalidade dos Emirados Árabes Unidos continua a mostrar um crescimento robusto, com os estabelecimentos hoteleiros recebendo mais de 16,1 milhões de hóspedes nos primeiros seis meses de 2025, marcando um aumento de 5,5% em comparação com o mesmo período do ano passado, informou a Emirates News Agency, WAM, citando o ministro da Economia e Turismo, Abdullah bin Touq Al-

Marri. Falando na terceira reunião do Conselho Consultivo de Hospitalidade para 2025, Al-Marri destacou o forte desempenho do sector como prova de sua resiliência e competitividade. "Graças às directrizes da sábia liderança, nosso sector de hospitalidade continua a alcançar taxas de crescimento crescentes, reflectindo sua atractividade nos níveis regional e global", disse ele. O conselho, que incluiu representantes dos sectores público e privado, bem como directores das principais redes hoteleiras nacionais e internacionais, revisou os principais indicadores de desempenho para o primeiro semestre do ano e discutiu iniciativas para desenvolver ainda mais o sector. Os dados apresentados durante a reunião mostraram que o número total de noites em hotéis atingiu 56 milhões, um aumento de 7,3% em relação ao 1º semestre de 2024. O tempo médio de estadia foi de 3,5 noites, com 1.243 estabelecimentos hoteleiros nos Emirados Árabes Unidos oferecendo mais de 216.000 quartos.

Al-Marri enfatizou que o sucesso do sector é resultado de uma estreita colaboração entre o sector público e o privado, que sustenta a competitividade do cenário turístico dos Emirados Árabes Unidos. **Fonte-Arab News**.

Exportações não petrolíferas do Sultanato de Omã atingem 9,1% no primeiro semestre, apesar da queda do superávit comercial



O superávit comercial do país caiu 34,3%, para 3,09 bilhões de rials no final de junho, ante 4,70 bilhões de rials no mesmo período do ano passado.

As exportações não petrolíferas do Sultanato de Omã aumentaram 9,1% no primeiro semestre de 2025, subindo para 3,26 bilhões de rials (US$ 8,48 bilhões), à medida que os esforços de diversificação do Sultanato ganharam força, apesar de um declínio acentuado em seu superávit comercial, mostraram dados preliminares. O superávit comercial do país caiu 34,3%, para 3,09 bilhões de rials no final de junho, ante 4,70 bilhões de rials no mesmo período do ano passado. A queda foi atribuída em grande parte a uma queda de 16,1% nas exportações de petróleo e gás, que totalizaram 7,42 bilhões de rials, em comparação com 8,85 bilhões de rials no primeiro semestre de 2024, de acordo com o Centro Nacional de Estatística e Informação. A estratégia Visão 2040 do Sultanato de Omã está impulsionando reformas estruturais destinadas a reduzir a dependência da economia de hidrocarbonetos e promover o crescimento do sector privado. O governo promoveu investimentos e flexibilizou as regulamentações para fortalecer os sectores não petrolíferos, incluindo logística, manufatura e serviços.

Os Emirados Árabes Unidos lideraram o comércio não petrolífero do Sultanato de Omã, com as exportações atingindo 593 milhões de rials, um aumento de 29,8% em relação ao primeiro semestre de 2024. Os Emirados Árabes Unidos também ficaram em

primeiro lugar no recebimento de reexportações do Sultanato de Omã, avaliadas em 348 milhões de rials e foram a principal fonte das importações do Sultanato de Omã, com 1,98 bilhão de rials.

O Reino da Arábia Saudita seguiu como o segundo maior destino das exportações não petrolíferas do Sultanato de Omã, com 538 milhões de rials, com a Índia em terceiro, com 335 milhões de rials. Nas reexportações, o Irão ficou em segundo lugar com 129 milhões de rials e o Reino da Arábia Saudita em terceiro com 57 milhões de rials. A China e o Kuwait foram a segunda e a terceira maiores fontes de importações, com 854 milhões de rials e 795 milhões de rials, respectivamente. Fonte-Arab News.

"O Qatar não está sozinho - mundos árabe e islâmico estão ao lado dele', diz chefe da Liga Árabe



O chefe da Liga Árabe, Ahmed Aboul Gheit, fala na reunião preparatória, ontem, domingo em Doha, antes da cúpula de líderes árabes e muçulmanos.

O secretário-geral da Liga Árabe, Ahmed Aboul Gheit, criticou Israel ontem domingo e alertou que "o silêncio diante de um crime ... abre caminho para mais crimes". Falando em uma reunião preparatória na véspera de uma cúpula de emergência de líderes árabes e islâmicos em Doha, Aboul Gheit disse que a cúpula em si envia uma mensagem poderosa: "O Qatar não está sozinho. Os mundos árabe e islâmico estão ao lado dele. Ele alertou que as acções de Israel são "o resultado directo de dois anos de silêncio internacional sobre o genocídio em Gaza, que encorajou os ocupantes a agirem sem consequências".

O Qatar organizou a cúpula depois que Israel realizou um ataque aéreo sem precedentes contra as residências de vários funcionários do Hamas em Doha em 9 de setembro de 2025. De acordo com o porta-voz do Ministério das Relações Exteriores do Qatar, Majed Al-Ansari, a reunião de hoje segunda-feira de líderes árabes e islâmicos considerará "um projecto de resolução sobre o ataque israelense ao Estado do Qatar". Falando durante a reunião preparatória, o primeiro-ministro do Qatar, Sheikh Mohammed bin Abdulrahman Al-Thani, pediu à comunidade internacional que "pare de usar padrões duplos" e puna Israel pelo que ele descreveu como seus "crimes". "Chegou a hora de a comunidade internacional parar de usar padrões duplos e punir Israel por todos os crimes que cometeu, e Israel precisa saber que a guerra de extermínio em curso a que nosso povo palestino irmão está sendo submetido, e cujo objectivo é expulsá-los de sua terra, não funcionará. " disse o Sheikh Mohammed, que também actua como ministro das Relações Exteriores. Embora o ataque israelense, que matou seis pessoas, não tenha atingido os negociadores de paz do Hamas, que eram seus verdadeiros alvos, o acto descarado representou "um ataque ao próprio princípio da

mediação". O ataque "só pode ser descrito como terrorismo de Estado, uma abordagem adoptada pelo actual governo extremista israelense, que desrespeita o direito internacional", disse o Sheikh Mohammed. "A agressão israelense imprudente e traiçoeira foi cometida enquanto o Estado do Qatar estava hospedando negociações oficiais e públicas, com o conhecimento do próprio lado israelense e com o objectivo de alcançar um cessar-fogo em Gaza", disse ele. Antes da cúpula, o ministro das Relações Exteriores do Egipto, Badr Abdelatty, realizou consultas por telefone com seus homólogos do Reino da Arábia Saudita, Turquia e Paquistão.

O Ministério das Relações Exteriores do Egipto disse que as conversas se concentraram em avaliar a crise e "explorar maneiras de enfrentar os graves desafios políticos e de segurança que a região enfrenta". Os ministros enfatizaram a necessidade de unidade árabe-islâmica e de coordenação sustentada nos campos político, diplomático e econômico para salvaguardar os interesses comuns e estabilizar a região. Entre os líderes presentes estarão o presidente iraniano, Masoud Pezeshkian, e o primeiro-ministro iraquiano, Mohammed Shia Al-Sudani. O presidente palestino, Mahmud Abbas, chegou ontem domingo a Doha. O presidente turco, Recep Tayyip Erdogan, também deve comparecer, informou a imprensa turca. **Fonte-Reuters.**

A ciência não é um luxo para os países em desenvolvimento



BRIDGET BOAKYE
14 de setembro de 2025



Paralelamente à Assembleia Geral da ONU deste mês em Nova York, outra cúpula crítica ocorrerá: a Cúpula da Ciência na AGNU80. A cúpula – que visa destacar "o papel central da ciência na abordagem dos desafios sociais" – fornecerá uma plataforma para os países de baixa e média renda exigirem um reconhecimento renovado da pesquisa científica como um pilar de resiliência e soberania.

Durante décadas, a sabedoria convencional tem sido o caminho mais rápido para o desenvolvimento, está na adopção de tecnologias estrangeiras, não na inovação independente. As instituições de desenvolvimento e os formuladores de políticas trataram a ciência básica como um luxo que apenas as economias avançadas poderiam pagar. Para os países de baixa e média renda, eles argumentaram, o cultivo da capacidade científica - um processo lento e caro - consumiria recursos que deveriam ser alocados para necessidades urgentes como redução da pobreza, segurança alimentar e infraestrutura; portanto, é melhor importar tecnologias e soluções do exterior.

Mas essa lógica foi derrubada nos últimos anos. Uma série de desenvolvimentos - incluindo a pandemia de COVID-19, intensificação dos choques climáticos e proliferação de barreiras ao comércio e às transferências de tecnologia - expôs os riscos da dependência da ciência importada. Agora está claro que, se os países de baixa e média renda quiserem obter controle sobre suas próprias agendas de desenvolvimento, responder efectivamente às crises e adaptar o conhecimento global às realidades locais, eles devem construir seus próprios ecossistemas de pesquisa dinâmicos.

Não se trata de um desvio no caminho do desenvolvimento ou de uma necessidade inconveniente nascida de desafios externos. Longe de desviar a atenção das necessidades urgentes, o investimento em ciência básica pode permitir que os países atendam a essas necessidades, dando origem a novas indústrias, criando empregos de alta qualidade, fortalecendo os serviços públicos e atraindo o capital privado necessário para sustentar o crescimento e a inovação.

Os apelos para que os países de baixa e média renda aumentem os gastos brutos em pesquisa e desenvolvimento em direcção à referência amplamente utilizada de 1% do produto interno bruto têm crescido com razão. Mas nem todos os investimentos são criados iguais. Em um estudo do Instituto Tony Blair para Mudança Global, minha equipe e eu mapeamos um novo conjunto de dados, abrangendo 129 países, de acordo com financiamento, talento, instituições e produção de pesquisa. Nossa descoberta central é que o gasto total importa muito menos do que a maneira e o contexto em que é implantado.

Quando combinados com instituições fortes, agências de pesquisa capazes e políticas que atraem e circulam talentos, mesmo orçamentos modestos de P&D podem gerar retornos descomunais. Nossa análise mostrou que alguns países alcançam várias vezes o impacto médio global da pesquisa (índice H) por dólar de gastos em P&D, enquanto outros ficam aquém. A lição para os países de baixa e média renda é especialmente importante: os países sob pressão orçamentária não podem se dar ao luxo de gastar mais em sistemas mal alinhados.

Os países de baixa e média renda provaram sua capacidade de inovação, especialmente no sector de saúde. Durante a pandemia, o Instituto Pasteur do Senegal desenvolveu e implantou kits de diagnóstico rápido em semanas e os cientistas ugandenses criaram hospitais móveis EpiTent adaptados ao sistema de saúde pública local. Usando seus

recursos de sequenciamento do genoma, a África do Sul identificou novas variantes do vírus antecipadamente, fornecendo dados críticos para o mundo. Essas conquistas foram o produto de investimentos deliberados e de longo prazo em capacidade doméstica que valeram a pena quando as cadeias de suprimentos globais e os canais de ajuda vacilaram.

Os parceiros internacionais têm um papel crítico a desempenhar no apoio à soberania científica nas economias em desenvolvimento, inclusive co-investindo em universidades, laboratórios e conselhos de pesquisa baseados em países de baixa e média renda. À medida que as capacidades científicas dessas nações progridem, também progride sua capacidade de colaborar de igual para igual com pesquisadores e instituições internacionais; contribuir com soluções para problemas compartilhados, desde a preparação para pandemias até a segurança alimentar; e garantir que as agendas globais de pesquisa reflictam as necessidades e prioridades de todos os países, não apenas dos mais ricos.

Em um momento de redução dos orçamentos de ajuda global e multilateralismo vacilante, os países de baixa e média renda não podem contar com a comunidade internacional para atender às suas necessidades de desenvolvimento. Mas, longe de ser um obstáculo ao progresso, isso deve servir como um catalisador para a transformação. Ao investir em suas próprias instituições e talentos, os governos dos países em desenvolvimento podem transformar a vulnerabilidade em resiliência e a dependência em agência.

Na AGNU, os líderes mundiais discutirão guerras, mudanças climáticas e incerteza econômica. Mas a ciência também deve estar na agenda. Somente nutrindo ecossistemas científicos robustos podemos garantir que os países de baixa e média renda estejam preparados para enfrentar desafios conhecidos e desconhecidos.

Bridget Boakye é Conselheira Sênior de Políticas para Ciência e Tecnologia no Instituto Tony Blair.

Isenção de responsabilidade: A opinião expressa pela escritora nesta sessão é própria e não reflecte necessáriamente o ponto de vista do **Arab News.**

